

As lições de Lavoisier

ABRINDO mais ainda os olhos enormes e com uma candura quase provocante (e alguns breves risos infantis pelo meio) Kukas anuncia-me: «A lei de Lavoisier foi o mais importante para mim...» E fica à espera do efeito. Eu lá cumprio o meu dever e soleiro: «Na natureza nada se ganha nem se perde; tudo se transfere...» E ela interrompe: «Nada se perde, nada se ganha... É isso que me interessa, é a força da vida, é o nada se perder! É esse o meu Lavoisier!»

E logo encandeia uma pequena história passada em Paris, numa aula de educação pela arte para crianças. Miúdos e miúdas tinham pintado uma floresta numa enorme parede. Flores, árvores e bichos em abundância. Mas um dos miúdos lembra-se de «deitar fogo» à floresta. A professora concorda, vem a tinta vermelha e os pincéis avançam. A um canto, um menino encolhe-se a chorar, não participa. Interrogado, protesta: «Parem! Parem! Vocês vão matar os bichos!»

Não interessa a reacção da criança. Interessa a memória que dela ficou em Maria da Conceição, ou melhor, Kukas.

Jóias para usar ao sol

Esta paixão pela vida é constante. Há transferência afectiva para a jóia que se cria e «quem compra uma jóia é quase como quem compra e acaricia um animal doméstico». E posso acrescentar um rosário de frases suas:

Sei que algumas das minhas jóias têm tido um efeito desinibitório para as pessoas. E gosto que o tenham. As minhas jóias são feitas para usar ao sol. Quero que elas sejam inundadas pela luz. O sol é a força da natureza que entra naquela outra força da natureza mineral e animal que é a jóia. Um dia, quando estava na América, pediram-me para desenhar uma pulseira. Eu desenhei-a no meu braço. Nunca projecto nada na minha vida mas não ando ao acaso. Agarro as oportunidades quando aparecem e eu as quero. Adoro o Brasil. Aquela natureza tem uma vitalidade brutal e, ao mesmo tempo, acariciante e acolhedora. Há todos os cheiros e cores e formas possíveis, há uma vontade de vida colossal. Hoje semeia-se uma coisa e amanhã já está verde e a crescer. Não me importaria que as minhas jóias fossem «tropicais». Há falta de imaginação neste Portugal onde se sabe usar melhor os trapinhos do que o corpo. Somos muito quadrados, muito pautadinhos! As jóias deviam ser usadas por todo o corpo, onde as pessoas sintam que ficam bem. Uns seios de mulher podem estar vestidos com uma jóia em vez de atados num lenço de seda com... com nós artísticos. Eu podia fazer uma jóia para a anca de uma mulher bonita. Mas para quê? Depois vem o

marido e não gosta e não deixa e pronto... Formas quentes e frias?? Não sei. Lembro-me de ter desenhado uma vez uma peça em ouro e com a forma de um rim. E depois consegui que o ouro fosse tão polido que acabou por ficar quase macio ao tacto e tão aveludado que aquela forma parecia quente... E depois há na escolha, no tratamento e na conjugação dos materiais toda uma espécie de aventura como quem viaja entre a opacidade e a transparência...

E este bloco de citações directas de Kukas poderia continuar, que o material não falta...

Depois dos quarenta...

Há nela também uma noção muito forte da globalidade da vida. Fascina-a procurar correspondências entre o mineral e o animal, mostrar como eles andam e vão bem juntos. Por exemplo, uma pulseira que fez em tartaruga e sobre a qual dispôs água castanha. Um apreciador da jóia só identificou a tartaruga mas Kukas logo o obrigou a notar a diferença de água que entra naquele conjunto estranhamente homogéneo.

E no entanto a mulher assim sorriu, sorriu e calou-se quando, por necessidade de entrevista, lhe perguntei a idade...

— A idade não digo — confesso por fim. E continuou: «Depois dos 40 as mulheres não devem dizer a idade. Eu não digo. Faz parte dos reduzidos da feminilidade. E não é só isso. Quando se chega às propectas idades — como a Vieira da Silva — até fica bem dizer. Mas a experiência concreta mostra que entre os 40 e as tais propectas idades há uma espécie de terra de ninguém em que as pessoas são sistematicamente desvalorizadas quando confessam estar a atravessá-las.»

O ouro envelhece bem

Apesar de toda a sua paixão pela vida Kukas fez uma escolha: não casar e não ter filhos. Talvez porque o conhecimento profundo da criação em arte coincidiu com o agudizado o sentido da responsabilidade que é «criar» uma pessoa humana e, mais do que isso, dá-la a ela própria. Talvez também porque rejeitando violentamente a angústia, a tristeza, a morte («... quando ela vier veio...»). Kukas tenha cedido à tentação de criar em metais nobres e materiais douráveis, pois o ouro, por exemplo, envelhece bem, as pedras preciosas lá transportam a sua forma ao longo do tempo e não sendo afinal os nossos filhos tão de nós como isso... talvez haja fundamento nesta frase de Kukas:

«... as minhas jóias são filhos que me obedecem...»

Se a televisão e a publicidade querem dizer alguma coisa ou representam o que quer que seja de uma sociedade e de uma época, então o que pensar do relativamente recente aparecimento, na televisão, de publicidade à compra e uso de jóias em ouro? Que existe gente com dinheiro para despesas desse género isso nem a crise mais crise o desmente. Que a criminalidade tenha diminuído e já não haja qualquer perigo em passear ouros, pratas e diamantes pelas ruas... isso não sei. Quem os tiver para usar que se arrisque; Mas a jóia excede as funções que tem na ideia comum. Significado mágico (há séculos atrás);

Kukas: "Não há jóias tristes"

PAULO DAVID

INOVADORA da joalharia e ourivesaria portuguesa, desde que se lançou em público, em 1963, Kukas (Maria da Conceição de Moura Borges) aceita e rejeita essa acusação. Decerto que face às carências básicas de sobrevivência de milhões de homens, a jóia não pode ser considerada um bem de primeira necessidade. De certo também que ao longo dos séculos o adorno de materiais preciosos esteve sempre ligado ao homem (não só à mulher, note-se), impondo-se-lhe por uma magia de que todos os homens e mulheres casados têm um excelente exemplo, embora nem sempre o achem mágico: a aliança de casamento. E ainda neste aspecto do valor mágico das jóias é bom não esquecer — como acusatoriamente o lembrou Kukas — é bom não esquecer uma das classes profissionais masculinas que mais consome adornos preciosos (medalhas) embora não o pareça: os militares. É só ver, nas solenidades, aqueles peitos... «O homem — diz Kukas — sempre gostou de se enfeitar e vai buscar aos materiais belos ou preciosos da natureza um complemento que lhe dá uma espécie de auréola.»

Seguir a Natureza

Nesta conversa que tivemos com Kukas a ideia não foi

tanto a de falarmos da sua obra como, sobretudo, da relação entre ela e a sua obra.

«Há sempre um olhar em mim que vê as coisas mesmo sem eu pensar que estou a ver. Quase automaticamente noto as formas que me rodeiam e, às vezes, quase me parece que são as formas que me notam a mim, me chamam» — diz ela quando se fala da visualidade.

«Por outro lado — prossegue — tenho uma tendência profunda para tudo o que é da Natureza. Embora as peças que eu faço não sejam jóias orgânicas — digamos — sempre que posso sugiro nelas um qualquer elemento tirado da própria matéria viva, arrancado à expressão da energia natural e creio que isto transparece até sob as linhas depuradas e abstractas que prefiro.»

Haverá, em paralelo com este impulso criador, um pensamento teorizante ou a tentativa dele ou a sua apetência?

Não. Kukas nunca pensa no que irá fazer depois daquilo que acabou de fazer. Mudança leve, há muitos anos, quando abandonou o barro de uma primeira fase e se entregou ao que é linear e à sua depuração, embora ainda assim um elemento de vitalidade animal — o calor — continuasse indissolúvelmente ligado ao desenho de jóias em que a sua mão prosseguiu. De facto, do seu falar «atabalhado», como ela diz, escapou-lhe algures nas nossas quatro horas de conversa esta evidência: «...mas a



Kukas: o fascínio de ser tão viva como a Natureza



e a noite se não os sons, os cheiros e os frutos expostos... Sei lá... Tudo isso!»

E Maria da Conceição («...se me chamam Maria da Conceição eu nem sei quem é...» — diz Kukas) — e Maria da Conceição conclui, com a timidez implacável que tem:

— De qualquer modo a ideia da morte, do fim, desagrada-me. Não gosto, não gosto de gastar energias com coisas negativas. Deixem-me cá viver enquanto a vida é vida. Olé! Olé! Quando vier a desgraça, pronto... Cá estarei e terei de a enfrentar!»

Repensar a jóia

Mas na obra, na obra por onde vão caminhando os olhos e as mãos de uma criadora do supérfluo...?

De novo o fascínio de ser tão viva como a Natureza, o desafio de criar o natural para o mundo. E logo lhe apetece a paixão de misturar tudo mas com um certo cuidado rigoroso como o faz o acaso pensativo e biológico das formas vivas... Diz ela:

«Gosto de casar os materiais preciosos com os humildes. Quero acrescentar um saber estético à redescoberta dos valores primordiais contidos no próprio segredo da matéria natural. E aí vai! Misturo ou remisturo dentes de javali e vidro, barro e prata ou certo metal com seixo

negro ou de novo a prata mas com pirite e resina estratificada se não prata ou ouro com fósseis ou conchas e búzios e madeira e cobre, ligados a tartaruga, a latão, a inox, a grez, a dentes de rubarão e talvez a pérola ou ágata musgosa...»

Repensar a jóia? Kukas:

— Penso que as jóias são quase como as mãos, falam a sua língua, dizem segredos. Já há mais de vinte anos que ando nisto e sei que pessoas estranhas entre si e que usam jóias que eu desenhei — sei que esse uso é como se essas pessoas estranhas entre si se dissessem coisas que por outro modo não diriam. Tal como eu sinto ou quero dizer alguma coisa quando invento a forma de uma jóia, assim também, talvez quem gosta dessa jóia para o seu corpo e a usa perante os outros — assim também talvez essa pessoa estará a sentir algo e a querer dizê-lo. E como as minhas jóias são diferentes, têm talvez um código. Quem as usa diz... a quem as veja e entenda esta magia que eu sinto... e assim sou comunicante entre pessoas que não conheço... ou talvez, afinal, que julgava não conhecer... Assim, as minhas jóias têm servido, nalguns casos, para que alguns desconhecidos — ou desconhecidas — chegassem à fala por necessidade de comentar as peças que eu de-

senhei segundo as formas que vejo por todo o lado evidentes e comunicantes... Não sei...

O «Não sei» é um leit-motiv na fala de Kukas mas não nas suas mãos...

O riso aveludado do ouro

Quando jovem, Kukas pensou ser arquitecta ou advogada, para «poder levantar o Mundo»...

O seu caminho era outro mas a primeira intuição ficou. Não são os ambíguos artificios da ourivesaria e da joalharia que levantarão o Mundo. A «revolução», que aparece, com grande pudor, no vocabulário de Kukas, logo se modera, revelando uma segunda vocação escondida: a de ecologista. Mas, no fundo, levantar o Mundo ou fazer justiça à vida ou ser insaciável de ternura ou em todo o lado encontrar formas depois transformadas num riso aveludado que o ouro pode ter por forma ou especial polimento — tudo isto não será, afinal, o que há nas suas jóias?

Pergunta feita a Maria da Conceição. Respondeu Kukas: — Não sei bem... Mas acho que é inevitável que as minhas jóias sejam o reflexo deste meu gosto pela vida, pelas forças incoeríveis da Natureza, pela alegria das formas de viver... Sabe?... Não há jóias tristes.

A descoberta da vocação

A descoberta da vocação? Um acaso.

O encontro com o nome artístico? Um acaso. Há muitos anos atrás, mais de vinte, aproximava-se o aniversário de um familiar, uma tia. A necessidade e o gosto de dar uma prenda, a ideia de uma joia mas também o capricho de uma jóia que fosse diferente de todas as outras.

Uma já evidenciada inclinação para as artes plásticas trouxe o papel para a mesa e pôs a mão de Kukas a desenhar uma jóia... e essa mão nunca mais parou! Agora, criadora de êxito e amadurecida, ela murmura com um levisimo tom de susto na voz: «Quero ir esgotando as formas; se um dia me faltasse esta corrida não sei o que me aconteceria...»

O nome é, em cada um de nós, aquilo que nos descreve, nos define, nos dá identidade. Esta a antiquíssima tradição, hoje amortalhada nos bilhetes dos Arquivos de Identificação. Mas essa tradição quase parece reviver no processo que levou à escolha do nome artístico de Maria da Conceição de Moura Borges. Há nessa origem a brincadeira da criação de uma alcinha e também o sinal de insaciada alegria de viver, ternura pela vida animal, relação afectiva com as formas minerais e vegetais até.

O cão

Rapariga ainda, Maria da Conceição voltava, um dia, à quinta onde vivia. E quando chegou viu, ganindo, no chão, um cão-bébé já com aflições na vida: uma porca exaltada atropelara-o e partira-lhe uma perna... A Maria da Conceição logo ali improvisou as necessárias talas. Depois, pegou no ferido ao colo e embalou-o. E sendo urgente a invenção de uma canção de embalar, começou a cantar-lhe música com letra acabada de compôr: «Meu cucas... meu cucas...»

A família ouviu e, levado o caozinho para o veterinário, riu-se da Maria da Conceição, fez troça e chamou-lhe «Cucas...» E hoje, com o único sofisma de os dois «C» se haverem transformado em «K», aí está o nome de quem há vinte e tal anos vem criando algumas das mais originais peças da joalharia portuguesa.

A frequência, quando andava pelos vinte anos, de um discreto curso para «Meninas Bem», deixa Kukas mais entusiasmada com a História de Arte (dáda por Ferreira de Almeida) do que com as virtudes da cultivada dona de casa. Mais ou menos na mesma ocasião, aulas de cerâmica («... onde fazíamos pudins de flores...») revelam-lhe o seu gosto pela criação de formas mas já em revolta contra os «pudins de flores».

Empurrão final

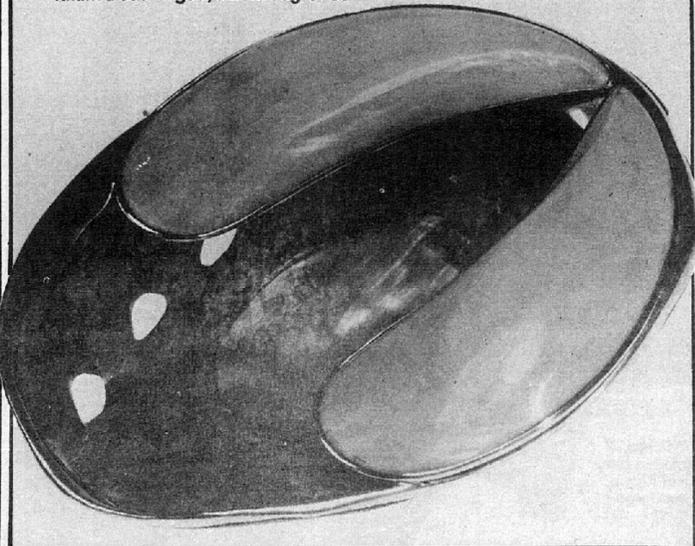
Uma vontade muito forte de independência levou-a a empregar-se como hospedeira de terra na KLM. Queria arranjar dinheiro para ir fazer esqui na Suíça. Foi. Mas o apetite mais importante era outro e insistia. Virou-se para a decoração mas não tem paciência para aturar clientes, fornecedores, etc. Algum trabalho com o pintor José Júlio dá-lhe o empurrão final para a carreira artística e, posta de lado uma outra inclinação/que era a do ensino de crianças pela arte — envereda francamente pela joalharia.

Primeiro um pouco ainda em privado, produzindo para familiares e amigos, e por fim, quando o número de peças acumulado já era grande, a primeira exposição na Galeria do «Diário de Notícias», em 1963.

Diz Kukas: «Nunca esperei que fosse um êxito. Mas foi. Aí está... Não sei...»

P.D.

«As jóias são quase como as mãos, falam a sua língua, dizem segredos»



P.D.

forma pode ser por tal forma depurada e linear que chega a ter... chega a ter... chega a ter o calor do pensamento!»

Brasil

E o que é o calor numa mulher criadora de jóias, para quem a juventude já passou mas ainda treme, discretamente, sob a pedra muito trabalhada de uma opção que lhe deu e abriu a certa riqueza possível da solidão? Aqui e agora, depois dos 40 mal confessados, sem companheiro nem filhos e talvez doente... O que é então o calor?

Falamos do Brasil e da sua paixão por essa terra; aí persiste um calor que é nela que está. Diz Kukas:

«Nunca me senti tão bem na minha pele como quando estive no Brasil! Até porque nem sentia a minha pele... Lá é tudo um todo perfeitamente ligado: eu por dentro e por fora, eu e a Natureza, eu e os outros, a minha pele e a pele dos outros, os outros e os outros e eu ali e os outros e os animais e os vegetais ou os minerais ou a manhã e a tarde

consultório de psicologia



MARIA TERESA REIS FERREIRA

O S rituais de estruturação do tempo e que desempenham um papel importante na vida do homem.

O ritual do Natal cumpriu-se uma vez mais com as características que lhe são próprias. Exceptuando os aniversários natalícios esta é a altura do ano em que as manifestações de afecto e a aproximação entre as pessoas se tornam mais fáceis. Os jantares de confraternização e as reuniões que ocorrem principalmente durante a quadra natalícia. A troca de presentes faz parte deste ritual e ao dá-los e ao recebe-los trocam-se emoções e sentimentos.

Cumprido este ritual um outro se aproxima — o da passagem do ano. Muitas vezes utilizam-se actos mais ou menos «mágicos» para formular desejos para o novo ano (passas-de-uva comidas à meia-noite do dia 31 de Dezembro, subida para uma cadeira durante o som das doze badaladas, etc). De uma forma mais ou menos convencida se toma parte do ritual e o novo ano é o símbolo da mudança e de novos investimentos. Esta é também uma época de reflexão e de balanço em que fazem normalmente projectos para o futuro próximo.

Cada dia do ano é sempre um dia novo na vida do homem. Cada um de nós ao nascer traz consigo tudo aquilo de que necessita para viver. Cada um tem as suas potencialidades próprias — as suas capacidades também as suas próprias limitações, a sua racionalidade e a sua criatividade. Nesta época de reflexão pensa em si como pessoa dotada de todo um conjunto de possibilidades interiores para viver bem consigo mesma. Descubra também os seus talentos e ponha-os a render no próximo ano em seu benefício e no dos outros.

NL

VILALARA
Nas FÉRIAS porque não vai a VILALARA?
Evite a confusão, procure a calma VILALARA, igual à Côte d'Azur, à Califórnia, à Florida...
ALGARVE

NELSON — Empresa Turística da Praia Redonda, Lda.
8306 ARMAÇÃO DE PÉRA • Telef. (0082)32333 — Telex 57460

Tempo no Porto

A delegação do nosso jornal na Capital do Norte

Av. Júlio Diniz, 728-8.º Esq.º,
Sala 820 (Parque Itália à Boavista)
Tels.: 69 17 29 - 69 13 19

MACAU

ASSINE O TEMPO NA LIVRARIA PORTUGUESA

R. Pedro Nolasco, Macau
Preço por um ano: 13 140\$00